

Carlos Drummond de Andrade

O secreto Emílio Moura



Emílio Guimarães Moura quase que realiza no Brasil o ideal do poeta conhecido apenas pelos seus versos. De sua pessoa física há poucas informações. Nasceu numa cidadezinha do Oeste de Minas e tem vivido em bairros sossegados de Belo Horizonte. Duas ou três viagens ao Rio, sempre rápidas – o tempo de ver o mar, a Lapa, algumas livrarias –, e o poeta volta à sua casa mineira. Nessa casa há muitas crianças, muitos parentes, além de retratos de músicos, poetas e amigos na parede. Há também desenhos do próprio Emílio Moura, que os íntimos dos íntimos conseguem espiar, não porque o seu pudor seja selvagem, mas porque é sincero e tem a doçura de todos os sentimentos emilianos.

Sobre o homem, há a notar ainda sua magreza e altura, seu ar de cegonha tímida, seu silêncio quase completo, sua maneira de deslizar entre multidões, seu desinteresse, sua identificação total com a poesia. É um manso, mas está longe de ser um conformista. Em voz baixa, grandes olhos acesos, espalhando as magras pernas pelas ruas de Belo Horizonte, nas noites que dão vontade de andar sempre, ele nos fala da injustiça e do mal. Dir-se-ia andar alheio a tudo, e nada lhe escapa do mundo e da cidade. Seu julgamento é frio e inflexível, o que não impede que depois de julgar e condenar ele perdoe. Um bilhete de loteria saiu-lhe premiado: Emílio continuou pobre, como antes. Nenhuma concessão ao tempo ou ao poder macula a sua vida. Entretanto, essa honestidade nada tem de feroz, tão límpida é ela, e Emílio consegue extrair de todos, os mais secos ou os mais indiferentes, um imenso amor.

Do poeta, sabe-se que está entre os mais importantes da moderna lírica brasileira. Pertence à geração modernista mineira, que se afirmou aí por 1924, e nela guardou sempre a marca pessoal, fugindo aos exageros escolásticos por uma percepção sutil do que havia de ruim ou falso na desordem renovadora. Sua poesia ilustra bem a tese da variedade e riqueza do movimento modernista, onde se mesclaram poetas tão diferentes como Ronald de Carvalho, Manuel Bandeira, Mário de Andrade, Jorge de Lima, Ribeiro Couto, Oswald de Andrade e o próprio Moura. Em uns, o objetivismo sensualista, voltado para o cheiro e o colorido das coisas; noutros, a auto-sátira cruel, doendo como canivete na carne; neste, o sentimentalismo cheio de entretons e confidências ciciantes; naquele, o espírito epigramático e depois a tendência ódica e americanista; em mais outro, a sombra de Deus... Todas as tendências, todos os gêneros, inclusive o inconfessável. Emílio Moura não se classifica em nenhum dos modelos. Poderiam rotulá-lo sumariamente como um poeta espiritualista, pois em sua obra é patente a presença do espírito, e ele mesmo exclama: “Eu sou um poeta quase místico: – A vida é bela porque é um êxtase.” Mas esse místico em estado latente

não vence as perplexidades e as dúvidas do ser intelectualizado, e vemo-lo, numa hora de grande despojamento, assinalar que “nenhum milagre te espera – nenhum”. Sua mística não é a de Deus, mas a do mistério. “Que alegria sentir que a vida é uma dádiva maravilhosa!” Mas “esta paz em que me envolvi, de repente, só por engano é que poderia ter-se instalado dentro de minha alma”. Alma sem paz, porém, não alma desesperada: o equilíbrio, a harmonia, o já citado pudor, a delicadeza infinita temperam e suavizam a dor e previnem tanto a negação como a solução materialista. Emílio Moura propõe-nos assim uma poesia que não se satisfaz com a explicação materialista das coisas, mas que não nos conduz seguramente a nenhuma teologia. Dir-se-ia que o poeta, cultivando os jardins do espírito, conserva o triste e severo privilégio de se não exaltar. Entre a contingência e a eternidade, sua voz nos fala simplesmente de poesia, da poesia como consolo e como interpretação lírica do mundo:

Os que não podem amar
estão cantando.
A luz é tão pouca, o ar é tão raro
que ninguém sabe como eles ainda vivem.
Os que não podem amar
estão cantando
estão cantando
e morrendo.
Ninguém ouve o canto que soluça
por detrás das grades.

In: Carlos Drummond de Andrade. *Confissões de Minas*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

